

A cidade no museu: práticas culturais no Instituto do Museu Jaguaribano

The city at the museum: cultural practices in Jaguaribano Museum Institute

Alex da Silva Farias

Mestrando em História Cultural
UECE/MAHIS/FUNCAP
alexfarias@yahoo.com.br

Recebido em: 01/05/2014

Aceito em: 25/11/2014

RESUMO: A proposta inicial deste artigo é de desenvolver uma releitura sobre o patrimônio histórico local, a partir do conjunto arquitetônico da cidade de Aracati e levantar questões sobre as representações das práticas culturais dos museus de cidade no interior do estado e fora dos grandes centros urbanos. O objeto da pesquisa é o Instituto do Museu Jaguaribano, museu de e da cidade de Aracati, do qual indago como esta instituição de preservação da memória local se apropriou da história de sua cidade. A metodologia desenvolvida foi a análise do discurso da historiografia local e o pressuposto teórico aqui discutido tem como foco os estudos orientados para a representação da memória e do patrimônio na narrativa do discurso.

PALAVRAS CHAVE: Cidade, Museu, Práticas culturais.

ABSTRACT: The initial purpose of this article is to develop a new reading on the local heritage, from the architectural ensemble of the city of Aracaty and raise questions about the representations of cultural practices of museums in the city within the state and outside major urban centers. The object of the research is the Institute of Museum Jaguaribano, museum and city Aracaty, which inquire how this institution for the preservation of local memory appropriated the history of your city. The methodology was discourse analysis of local historiography and the theoretical assumption discussed here focuses on the oriented representation of memory and heritage in narrative discourse studies.

KEYWORDS: City, Museum, Cultural Practices.

Introdução

“As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”¹. Este trecho nos faz refletir sobre as permanências e rupturas na temporalidades e no cotidiano dos espaços urbanos. Lugar de coisas

¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Biblioteca Folha de São Paulo, 2003, p. 20.

produzidas, ele nos leva a ter um olhar mais atento sobre as práticas culturais² exercidas nas cidades³ do interior e fora dos grandes centros urbanos. Tais práticas merecem atenção, pois sua ação é uma leitura das representações e das transformações no espaço urbano. As representações também são práticas culturais, cultural não somente no sentido social mais coletivo, pois são narrativas que compõe a definição do lugar.

Localizada a 149 km de Fortaleza no litoral leste do Estado, Aracati tem grande valor histórico para o Estado⁴, tanto pela sua influência na economia e cultura colonial como pelo estado de conservação de seu patrimônio histórico, fundamental para a construção da história do Ceará. A história da cidade Aracati remonta ao período colonial quando o então Capitão-mor Pero Coelho de Sousa ergue um forte, em 1603. Edificação que viabilizou tanto o fluxo de emigrantes como a fixação da população às margens do rio Jaguaribe, aumentando o comércio e a comunicação na região que se em torno do então povoado de São José do Porto dos Barcos do Jaguaribe.

Durante o século XVIII a atividade portuária ascendeu sua produção mercantil, principalmente no período das charqueadas tanto produziu como exportou. Em 24 de fevereiro de 1748, foi elevada à Vila de Santa Cruz dos Barcos do Jaguaribe pelo Conselho Ultramarino e Vila Sede em 20 de junho de 1780, somente tornou-se cidade através de Lei provincial em 25 de outubro em 1842 quando governava o Ceará o brigadeiro José Joaquim Coelho⁵.

Fazendo uma releitura dos espaços urbanos da cidade de Aracati, e de sua narrativa⁶ história, percebo que seu conjunto arquitetônico refletiu o florescimento econômico e cultural pelo qual a cidade passou, “tampouco foi considerada a expansão dos interesses metropolitanos na organização do capital mercantil, e ainda, a sua relação com a formação de uma elite senhorial

² CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Difel: Rio de Janeiro, 1987.

³ Análise a cidade não como uma unidade homogênea, mas como uma categoria de e com função coletiva distinta, é fonte de cultura material e imaterial cujos traços urbanos demonstram o processo de formação e a ocupação da cidade em diferentes formas. Ver PESAVENTO, Sandra Jathay. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n.53, São Paulo, 2007.

⁴ O conjunto arquitetônico do centro histórico de Aracati passou a ser considerado patrimônio nacional e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em abril de 2000, conforme LISTA DOS BENS CULTURAIS INSCRITOS NO LIVRO DO TOMBO (1938-2012). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Departamento de Articulação e Fomento – DAF. Coordenação Geral de Pesquisa e Documentação. Copedoc. Coordenação de Documentação e Informação – Codin. Arquivo Central do IPHAN – Seção do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Fevereiro de 2013.

⁵ LIMA, Abelardo Costa. *Terra Aracatiense*. Aracati: Biblioteca de História do Ceará – I. 2ª edição, 1979.

⁶ A narrativa é um produto que tem como método um discurso que pode ou não representar um evento histórico, varia de acordo com o fim em si mesmo ou como meio para este fim, são representações dos diferentes modos de construção do cotidiano. Seu significado é a consciência centrada em uma estrutura cujos processos significam uma sucessão de eventos predestinados, ver WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria contemporânea. In: MORAIS, Fernando; SILVA, Rogério forastieri da (org.). *Nova história: em perspectiva*, v. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

urbana e mercantil no Ceará”⁷. Seu patrimônio⁸ histórico e cultural urbano se manteve preservado até nossos dias, isto só foi possível tanto pela ascensão econômica que proporcionou o consumo de bens e produtos, durante o século XIX, como pelo declínio e estagnação econômica que a cidade suportou⁹.

Por outro lado a consciência de preservação dos seus bens históricos por parte de uma elite cultural local também contribuiu para a conservação do próprio patrimônio histórico do município. Reflito então sobre como a história desta cidade, foi apropriada por sua instituição de preservação da memória local, o Instituto do Museu Jaguaribano¹⁰, trago algumas considerações sobre como esta instituição significou a função social de lembrar o grupo de si, dos seus e dos outros.

Refiro-me aqui que a narrativa da história local transmitidos através de suas instituições de memória, os museus de cidade¹¹, é uma construção. De outra forma a desconstrução desta narrativa é necessária para demonstrar o uso da memória¹², das lembranças e do esquecimentos¹³ como instrumento de poder, de dominação e controle da história local.

Segundo White¹⁴, a narrativa é a um só tempo modo de discurso e o produto deste discurso. É a partir deste pensamento que observo como que a narrativa da história da cidade de Aracati seguiu um determinado discurso produzido em um momento, sob um sentimento de

⁷ OLIVEIRA. Almir Leal de. As carnes secas do Ceará e o mercado Atlântico no século XVIII. In: DORÉ, Andréa; SANTOS, Antônio César de Almeida (org.). *Temas Setecentistas: Governos e populações no Império Português*. Curitiba: UFPR – FCHLA/Funart; Araucária, 2008, p. 511.

⁸ Logo no primeiro momento é comum se identificar o patrimônio como monumento. O termo é usado de forma inadequada, seu conceito mudou no tempo, não é uma invenção moderna passando a significar valor histórico, artístico, cultural e arquitetônico. É um meio de expressão, de representação e de criação do passado por isso desperta o interesse da sociedade em estudá-los. O patrimônio mudou de perspectiva, antes o foco era a nação agora é a sociedade, hoje a ação preservacionista não opera mais no físico e sim na ação cultural, articulando questões de interesse coletivo e individual. Conforme RODRIGUES, Marly. De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN), n. 24, Cidadania, Ministério da Cultura, 1996.

⁹ CASTRO. José Liberal de. Pequena informação relativa à arquitetura antiga no Ceará. *Revista Aspectos Históricos*, n. 5, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. UFC, Fortaleza, 1977.

¹⁰ Fundado em 15 de novembro de 1968, localizado no Edifício do Solar do Barão do Aracati, na Rua Coronel Alexanzito, nº. 743 em Aracati, Ceará.

¹¹ Os museus de cidade são instituições urbanas, nostálgicas, imutáveis, míticas e de restrita leitura das contradições históricas, que permitem uma discussão sobre as intencionalidades na construção e perpetuação da história local. Ver MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O Museu de cidade e a consciência de cidade. In: *Museu e Cidade*. Livro do Seminário Internacional. RJ: Museu Histórico Nacional, 2003; _____. O museu na cidade x a cidade no museu – uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História* v. 5, n. 8/9, São Paulo, 1985.

¹² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

¹³ RICOUER, Paul. Memória pessoal, memória coletiva. In: *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

¹⁴ WHITE, *A questão da narrativa na teoria contemporânea*.

nostalgia e glorificação do passado e que davam continuidade a mesma estrutura social da elite intelectual¹⁵ que o criou, desejosa de perpetuar seu passado e eleger um presente ilustre.

Narrativa, Discurso e Patrimônio

A influência do pensamento dos fundadores¹⁶ interferiu na narrativa da história da cidade, pois alterou ordem do seu discurso sob um horizonte de expectativa para a cidade e que permitiu a chance da elite conservar seu passado ilustre.

Este discurso de patrimônio histórico e cultural estava presente no meio intelectual local deste 1937¹⁷ e foi aceito pela coletividade. Se pensarmos que os discursos de patrimônio cultural tanto individual como coletivamente são construídos e que sua prática de preservação¹⁸ se efetiva a partir de um determinado momento deste discurso. Não há, portanto, patrimônio que não possua ao mesmo tempo as condições individual e coletiva. Esta concepção de patrimônio não dependia apenas da vontade dos seus fundadores nem da ação deliberada de indivíduos ou grupos, mas do significado de um discurso erudito que foi apropriado e resignificado pela instituição na cidade.

Neste sentido o conceito de patrimônio foi usado para determinar uma construção simbólica do passado da cidade, pois sua apropriação foi produzida por práticas orientadas para uma representação da memória da cidade, definida por um determinado grupo social. Através da seleção do acervo da exposição e dos sócios.

A ação da memória individual ou coletiva como dos atos de lembrar e esquecer também devem ser considerados como práticas culturais na memória institucional¹⁹, pois implicam na representação da história da cidade. Percebo, portanto que os seus membros e sócios²⁰ comungavam o mesmo sentimento de pertencimento, pois o que os unia eram os laços de

¹⁵ INTELLECTUAIS DESENVOLVER; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Difel: Rio de Janeiro, 1987.

¹⁶ Conforme Estatuto de 1984 no capítulo 02 em Parágrafo único: São considerados sócios fundadores os que se associaram a ideia da organização do Instituto no ato de sua fundação e assinaram a respectiva ata. Ver INSTITUTO do Museu Jaguaribano. *Estatuto*. Imprensa Oficial do Ceará, 1984, p. 4.

¹⁷ O primeiro bem tombado na cidade foi a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário ainda pelo SPHAN em 24/01/1957 obedecendo a legislação de 1937.

¹⁸ O processo de preservação do patrimônio cultural no Brasil surge por volta de 1934, em a iniciativa de intelectuais engajados no movimento modernista, do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Mario de Andrade também foi um dos percussores deste projeto, criando em 1936 o “Anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN)” e em 1937 o decreto-lei nº. 25 de 30/12/37 que o institui como o órgão como responsável pela preservação patrimonial da União. Com a elaboração da Carta de Veneza as práticas de preservação do patrimônio histórico e cultural expandem-se e em 1979 o SPHAN é elevado a Instituto denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

¹⁹ GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita de história*. Rio de Janeiro: Editora FGC, 2004.

²⁰ Os sócios são classificados em: efetivos, beneméritos e honorários, conforme INSTITUTO do Museu Jaguaribano, *Estatuto*, p. 10.

fidelidade ao patrimônio, de maneira que as homenagens e comemorações²¹ serviam para celebrar o sentimento de continuidade e pertencimento.

O Museu Jaguaribano, como museu da cidade nos permite desenvolver uma discussão sobre suas práticas culturais constatada em sua seleção dos objetos, homenagens e exaltação de um determinado passado da história da cidade. Eram desenvolvidas atividades²² durante as “datas festivas do Brasil, do Ceará e da zona Jaguaribana”,²³ além de homenagens aos heróis nacionais e homens ilustres da cidade, privilegiando “o culto dos feitos singulares da história do Ceará e do nordeste e, em particular da zona Jaguaribana”²⁴.

Aqui percebo que há uma estratégia clara em ampliar sua rede de relacionamento com seus sócios tornando-os membros da sua diretoria. Observo que este discurso de preservação tanto privilegiou como priorizou apenas os bens do município de Aracati, desprezando ou negligenciando os demais e considerando a si como o centro de toda a cultura erudita da região Jaguaribana²⁵, esquecendo e omitindo os municípios de sua vizinhança.

Na inauguração em 22 de dezembro de 1968, o então prefeito Ruperto Cavalcante Porto, em solenidade fez agradecimentos a Secretaria de Cultura do Estado; a Diocese de Limoeiro do Norte; a Prefeitura Municipal de Aracati; o Conselho Comunitário de Aracati; a diretoria do Instituto do Museu Jaguaribano e representantes do IPHAN e do SESI. Ainda o historiador Raimundo Girão, secretário de cultura do Estado; o escritor Braga Montenegro; a Museóloga Nair de Carvalho do Museu Nacional e o arquiteto João Barros Maia da Secretaria de Cultura do Município.

Na ocasião a museóloga Nair de Carvalho que cortou a faixa simbólica de inauguração, em seguida discursou o secretário de cultura do Estado o historiador Raimundo Girão, que destacou o objetivo, finalidades e valor histórico do Museu Jaguaribano em sintonia com o plano de desenvolvimento do governo de Plácido Castelo.

Seu funcionamento permaneceu constante até 1972 quando o SESI negou acesso ao museu, alegando o uso do edifício para residência de seus servidores, impedindo a manutenção e

²¹ Destina-se a transmitir as gerações futuras o sentimento de continuidade e manifestam o interesse em igualar-se com um segmento da sociedade. Forma-se da repetição de certos rituais a fim de conservar coletivamente os saberes, ver CANDAU, Joel. O jogo social da memória e da identidade (2): fundar, construir. In: *Memória e identidade*. Contexto, 2011.

²² Exposições de jornais, fotografias livros e documentos do Aracati e região Jaguaribana e de outras partes do Brasil e Exposições de artes de artistas do município.

²³ INSTITUTO do Museu Jaguaribano, *Estatuto*, p.09.

²⁴ INSTITUTO do Museu Jaguaribano, *Estatuto*, p.09.

²⁵ O Instituto do Museu Jaguaribano considera por Zona Jaguaribana a área que compreende os limites do município abrangendo: Icó, Itaíçaba, Jaguaretama, Jaguaribana, Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Morada Nova, Óros, Palhano, Russas, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte, conforme INSTITUTO do Museu Jaguaribano, *Estatuto*, p.7.

recuperação das peças do acervo além da biblioteca e cômodos do Solar, ou seja, do Museu Jaguaribano e do Arquivo do Jaguaribe. Durante cinco anos o Museu Jaguaribano permaneceu fechado.

Em vista disto o Instituto do Museu Jaguaribano pôs como obrigação principal para a próxima gestão do período o acesso ao Museu Jaguaribano e ao Arquivo do Jaguaribe. O então prefeito Abelardo Costa Lima e também sócio do Museu Jaguaribano, manteve contato com o diretor da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) o Dr. José Flávio Costa Lima, junto com o novo diretor do Instituto do Museu Jaguaribano o Senhor Antero Pereira Filho, conseguiram liberar o Solar do Barão de Aracati para o Museu Jaguaribano.

Em 1980 o Instituto do Museu Jaguaribano firmou contrato de comodato com Serviço Social da Indústria (SESI) por um período de quatro anos a partir de 1980, a fim de fixar sua sede. Logo em 1983 tombou o edifício, e no ano de 2000 o SESI doa para uso oficial do Instituto do Museu Jaguaribano o Solar do Barão de Aracati, que durante o governo de Lúcio Alcântara, passou por reformas em 2005 e foi reaberto em 2009.

Uma Cidade em Formação

Não é fruto do acaso, muitos museus brasileiros estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma identificação com residência de indivíduos poderosos. Este motivo também contribuiu para significar o imaginário do imóvel como “casa de rico”, o que nos leva a pensar sobre uma história da cidade sem conflitos, sem seca ou enchentes. Por outro lado nos leva a confirmar que o “museu do Aracati”, era um local de e que somente valorizou a memória dos grandes artistas, líderes, políticos e militares.

O uso do Solar do Barão de Aracati²⁶, para abrigar o Museu Jaguaribano é outro ponto importante, pois segundo seus fundadores foi necessário tanto para justificar a importância histórica do bem como para legitimar seus heróis. Esta estreita relação entre a instituição e as classes privilegiadas tem favorecido uma concepção museal que impôs uma representação do imóvel.

Muito dos sócios tem publicações mais específicas novamente o Dr. Hélio Ideburque Carneiro Leal autor de “A Igreja de Nossa Senhora do Rosário – A Igreja a Matriz” onde narra a construção, trajetória das igrejas do município; ainda sobre as igrejas da cidade, publica “Capela de Cristo Rei, Colégio Marista de Aracati e o Bem-aventurado Padre Marcelino José Bento

²⁶ O Historiador, Antero Pereira Filho afirma que o Solar teria em maior parte de sua existência pertencido ao Barão de Messejana, e depois em homenagem ao Dr. José Pereira da Graça Filho, o Solar do Barão de Aracati. Ver PEREIRA FILHO, Antero. *Sobrado do Barão*. Desfazendo um Equívoco, 21 de junho de 2008. [online]. Disponível via Internet via [www. url: http://luacheia.art.br/site](http://luacheia.art.br/site). Capturado em 28 de abril de 2011.

Champagnat” considerando os eclesiásticos da paróquia. “Singelo documentário de alguns atentados ao patrimônio cultural de Aracati 1940 – 1994” é outra obra em que o autor expõe publicamente os avanços e atentados ao patrimônio histórico e cultural do e no município. “Bandas de Música de Aracati” é uma leitura sobre as primeiras e principais bandas e filarmônicas das diversas agremiações na cidade, “Casa de Câmara e Cadeia de Aracati”, trata sobre a trajetória da criação e instalação da Casa de Câmara e Cadeia em Aracati. A trajetória de vida do Dr. Hélio Ideburque Carneiro Leal se confunde com a própria do museu, já era escritor de livros de direito, mas como historiador foi a partir do Museu Jaguaribano.

Outro autor foi o senhor Antônio Figueiredo Monteiro²⁷ (1909-1988) como todos os outros também foi diretor do Museu Jaguaribano e apresentava aos domingos na “Rádio Cultura de Aracati” o programa “Momento da Cultura”, publicou “Crônicas Históricas” e “História do Aracati”. O senhor Antero Pereira Filho²⁸ continua a lista de intelectuais e eruditos da cidade que escrevendo sobre a história da cidade com vários artigos publicados, dentre tais: “A maçonaria em Aracati 1920-1949”; “Ponte Presidente Juscelino Kubitschek” e “Histórias de assombração do Aracati”.

As exposições periódicas e permanentes não refletiam nem o passado nem o cotidiano da cidade, muito menos mencionam a história dos outros municípios da região Jaguaribana. São, portanto a confirmação de um discurso nacionalista e conservador local. Vincularam-se a dar maior visibilidade aos objetos que afirma e confirma seu prestígio social.

Assim como os sistemas de exclusão²⁹, apoiou-se sobre um suporte institucional para reforçava seu campo de atuação. Conforme as primeiras doações³⁰, oriundas da paróquia, da diocese e de algumas famílias abastadas, os objetos eram na maioria religiosos, louças e utensílios domésticos, móveis e mobiliários, geralmente para uso e guarda. Os objetos presentes no museu foram o resultado de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas, que recontam história da cidade por famílias que ostentavam e legitimavam seu poder.

O Instituto do Museu Jaguaribano mantém parceria com escolas públicas e particulares da região, aproximando professores e alunos da instituição. Sempre se preocupou com o ensino e a

²⁷ Antônio Figueiredo Monteiro (1909-1988), professor, jornalista, historiador, radialista, contador e funcionário público federal concluiu o Curso de Humanidades da Phenix Caixeiral; foi componente do jornal do Grêmio, escreveu ensaios em revista foi redator, tendo como colaboradores Gustavo Barroso, Monteiro Lobato e Raquel de Queiróz.

²⁸ Atuou como presidente do Instituto do Museu Jaguaribano durante duas diretorias (1976-1979/1982-1985). A história da cidade e do povo aracatiense são os objetos de seus e artigos crônicas publicados na imprensa local.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Ed. Loiola, 2001.

³⁰ Ainda em 1972 o Sr. Hélio Idelburque Carneiro Leal doa a biblioteca que pertenceu a seu pai o Desembargador Cláudio Idelburque Carneiro Leal ao museu, conforme INSTITUTO do Museu Jaguaribano. *Assembleia Geral*, 13 de outubro de 1973.

educação da cidade, haja vista que o seu quadro de diretores era composto por professores da rede pública e particular embora priorizasse somente da sua região metropolitana, pois era unânime entre seus diretores a necessidade e importância do uso pedagógico do museu para o ensino da cidade.

Do mesmo modo o museu mantém apoio à cultura e a arte, pois tem a “finalidade de reunir, para divulgar, trabalhos de artistas aracatienses e difundir as artes plásticas do município”,³¹ como pode ser constatado no empenho dos diretores em manter as exposições³² de fotografias, jornais, documentos antigos e trabalhos de artistas da principalmente do município.

Considerações Finais:

O crescimento das cidades brasileiras no século XIX estava ligado às transformações decorrentes do desenvolvimento capitalista, isto implicou na incorporação de valores, condutas, e costumes nos modos de vida urbana. É neste momento que a cidade serve de formato pelos fundadores do Instituto do Museu Jaguaribano para manter e confirmar a história do município transmitida através do seu museu de cidade. Usando as lembranças, esquecimentos e reconhecimento como formas de perpetuação da memória local.

Ao analisar as transformações nas últimas décadas o Instituto do Museu Jaguaribano assumiu o papel de instituição cultural que provocou interferência no passado da cidade. Esta prática contribuiu para ampliar seu campo de atuação e confirmar sua imagem e seu papel, pois seus atos ao lembrar e esquecer devem, portanto ser considerados práticas ou ações humanas dentro da memória institucional.

Foi através do significado do patrimônio no entendimento destes fundadores e de sua da função social de lembrar o grupo e também os outros de si, que percebo como as práticas culturais de seu discurso interferiu na narrativa da história local.

³¹ INSTITUTO do Museu Jaguaribano. *Assembleia Geral*, 09 de outubro de 1980, p. 09.

³² A VII exposição de fotografias do Aracati Antigo; a IV exposição de jornais antigos do Aracati e outras regiões do país; as exposições I, II e III de livros raros, papéis e documentos antigos; e as exposições de Arte, II e III em 15 de novembro de 1980 e 1981; além das homenagens e publicações.